

A CULTURA DA MAGREZA COMO FATOR SOCIAL NA ETIOLOGIA DE TRANSTORNOS ALIMENTARES EM MULHERES: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

The culture of slim as a social factor in the etiology of food disorders in women: a narrative review of literature

Ísis Gois¹

Aline Liz de Faria²

RESUMO: A difusão de práticas emagrecedoras na população feminina é uma assertiva do cotidiano contemporâneo; e uma concebível consequência da internalização do ideal magro, permeado a uma cultura de culto a corpos moldados severamente. Neste contexto, a cultura ocidental oferta um paradoxo: uma inimaginável variedade de alimentos de alta densidade energética e palatabilidade; enquanto requisita um corpo referência e abnegação de comportamentos alinhados aos alimentos ofertados: deve-se questionar a ascendência da “obesidade como problema de saúde pública” e a influência dessas imposições culturais sobre os distúrbios alimentares e o comer transtornado. Com isto, objetivo deste estudo é identificar a relação entre a cultura da magreza; como possível fator condicionante; e as desordens alimentares. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, na qual foram utilizadas as bases de dados do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Portal CAPES; utilizando os descritores “cultura” (culture) e “transtornos alimentares” (feeding and eating disorders), fazendo-se uso do operador booleano “AND”. Os termos foram confirmados pelo DeSC/MeSh e utilizados na língua portuguesa e inglesa com delimitação do período de abrangência de 2014 a 2019. Restringindo-se a estudos escritos em português, inglês e espanhol. Assim, foram inclusos na revisão dezenove estudos, os quais demonstraram as pressões socioculturais sobre o gênero feminino e as particularidades da relação multifatorial no desenvolvimento de transtornos alimentares. Identificou-se que mulheres imigrantes, negras e transgêneros são mais suscetíveis a insatisfações corporais e alterações no comportamento

¹ Possui graduação em Nutrição e Aperfeiçoamento Ambulatorial em Nutrição e Saúde Coletiva pela Universidade de Taubaté. Atualmente cursa Especialização em Comportamento Alimentar pela Faculdade Global e é aluna especial no Programa de Saúde Pública ENSP/FIOCRUZ cursando a disciplina isolada: Corporalidade e Violência. Atua como nutricionista, ministra palestras nas áreas de saúde, gênero e sexualidade e é nutricionista voluntária no Ambulatório de Dietética e Alimentos Funcionais da Universidade Federal Fluminense, na qual orienta o Projeto de Extensão: Atendimento ambulatorial de pessoas transgêneros - Dietética e Alimentos funcionais na promoção de saúde e prevenção de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT).

² Professora efetiva no curso de Nutrição da Universidade de Taubaté. Mestre em Desenvolvimento Humano, Práticas e Políticas Sociais. Especialização em Nutrição Clínica e Tratamento multidisciplinar da Obesidade. Coordenadora do Centro de Educação Alimentar e Terapia Nutricional (CEATENUT), professora de estágio supervisionado em Atenção Secundária em Nutrição (CEATENUT), participa do programa de Aperfeiçoamento em Atendimento Ambulatorial na Universidade de Taubaté - CEATENUT, professora das disciplinas de Avaliação Nutricional I e II e Introdução a Gastronomia, professora responsável pela Oficina de Nutrição no Projeto de Extensão de Atenção integral ao Envelhecimento - PAIE. Instituição: Universidade de Taubaté

alimentar: comer transtornado e transtornos alimentares, por experimentarem estresse aculturativo e estresse de grupos vulneráveis. Além disso, o construto social de feminilidade está associado à magreza, fome e jejuns como um caminho a uma conversão moral. Os valores morais estão ligados a um corpo magro “que se controla” e que não cede às necessidades básicas, como a fome. Portanto, o corpo gordo é visto socialmente como um corpo que transgride a norma; um corpo portador de um estigma social; o que leva a discriminações provenientes inclusive de profissionais da saúde. As mídias sociais imagéticas participam ativamente desta construção do que é um “corpo ideal” na sociedade; facilitando a comparação social entre indivíduos, o que é um forte preditor de insatisfações corporais. Portanto, conclui-se assim que há uma relação e mediação entre, uma sequência que perpassa por fatores socioculturais ligados a moral, internalização do ideal preconizado, comparação social e o papel das mídias sociais, insatisfação corporal e distúrbios com a imagem corporal, risco de alteração no comportamento alimentar e desenvolvimento de transtornos alimentares. No entanto, esta relação possui formas diretas e indiretas de ocorrerem, não necessariamente segundo esta ordem. Como também identificou a necessidade de acompanhamentos em saúde e políticas públicas que utilizem uma abordagem mais integrativa e trabalhem com uma imagem corporal mais saudável.

Palavras-chave: Cultura; Transtornos alimentares; Imagem corporal; Estigma.

ABSTRACT: The diffusion of weight loss practices in the female population is an assertion of contemporary daily life; and a conceivable consequence of the internalization of the thin ideal, permeated by a culture of cult of severely shaped bodies. In this context, Western culture offers a paradox: an unimaginable variety of foods with high energy density and palatability; while requesting a body of reference and self-denial of behaviors in line with the foods offered: one must question the ascendancy of “obesity as a public health problem” and the influences of these cultural impositions on feeding and eating disorders. Therefore, the purpose of this study is to identify the relationship between the culture of thinness; as a possible conditioning factor; and feeding and eating disorders. It is a narrative literature review, in which the databases of the Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) and the CAPES were used; using the descriptors “culture” and “feeding and eating disorders”, using the Boolean operator “AND”. The terms were confirmed by DeSC / MeSh and used in the Portuguese and English languages with delimitation of the coverage period from 2014 to 2019. Restricting to studies written in Portuguese, English and Spanish. Thereby, nineteen studies were included in the review, which demonstrated the cultural pressures on the female gender and the particularities of the multifactorial relationship in the development of eating disorders. It was identified that immigrant, black and transgender women are more susceptible to body dissatisfaction and changes in eating behavior: feeding and eating disorders, as they experience acculturative stress and stress from vulnerable groups. In addition, the social construct of femininity is associated with thinness, hunger and fasts as a way to moral conversion. Moral values are associated to a thin body that “controls itself” and that does not give in to basic needs, such as hunger. Consequently, the fat body is seen socially as a body that violates the norm; a body with a social stigma; which leads to discrimination from health professionals. Image social media actively participate in this construction of what is an “ideal body” in society; facilitating social comparison between individuals, which is a strong predictor of body dissatisfaction. In conclusion, there is a relationship and mediation between, a sequence that goes through cultural factors associated to morality, internalization of the socially recommended ideal, social comparison and the role of social media, body dissatisfaction and body image disorders, risk of changes in eating behavior and development of feeding and eating disorders. However, this relationship has direct and indirect ways of

occurring, not necessarily in this order. It also identified the need for health monitoring and public policies that use a more integrative approach with a healthier body image.

Keywords: Culture; Feeding and eating disorders; Body image; Stigma.

1 INTRODUÇÃO

A utilização de dietas restritivas, objetivadas pela perda de peso, tornou-se um ato corriqueiro mantido pela expressão de novas condutas culturais. Sendo a cultura o resultado de “um conjunto de regras generativas, historicamente selecionadas pela história humana, que governam ao mesmo tempo a atividade mental e prática dos indivíduos”. (ESPINOSA, 2005)

O gênero feminino é um dos grupos mais afetados pelos padrões estéticos que são impostos pela sociedade, e que conduzem tais indivíduos a práticas emagrecedoras. Segundo Goldenberg (2004) “há uma construção cultural do corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da “imitação prestigiosa””. Esta teoria diz respeito a como os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que se tornem um referencial de sucesso. No caso em questão, os corpos magros são a personificação do sucesso pessoal para muitos indivíduos; padrão este, que como dito, é sustentado pela sociedade em geral, por estar permeando culturalmente a mesma.

Os transtornos alimentares são “quadros psiquiátricos caracterizados por profundas alterações no comportamento alimentar e disfunções no controle de peso e na forma corporal”. A origem dos transtornos alimentares tem um caráter multidimensional ligado às esferas: biológica, psicológica, clínica e sociocultural; com consequências significativas à saúde, em seu conceito mais amplo. (ALVARENGA, 2019) Pensando em como a cultura e os padrões sociais inseridos nela podem ser possíveis fatores condicionantes do comportamento da população, é importante estudar e relacionar a cultura, práticas alimentares, ascensão da obesidade e os fatores etiológicos de desordens alimentares.

Considerando que há fatores sociais inclusos na etiologia da obesidade e das perturbações do comportamento alimentar, vale ressaltar que a cultura comercial ocidental moldou-se a essas perturbações e ao comer transtornado, juntamente a indústria “falha” das dietas, ofertando alimentos: *low carb*, zero açúcares, comidas *fitness*, sem glúten, sem lactose, e a *gourmetização* de alimentos tidos como “vilões”; e dietas: *low carb*, paleolítica, *low fat*, dieta da proteína, dieta do ovo, entre diversas outras. Estas, sem incluir os produtos que prometem emagrecimento rápido. Tanto a indústria alimentícia quanto blogueiras, coaches e até profissionais da saúde via redes sociais são beneficiados social e financeiramente a partir do processo de doença que avança e se instala na sociedade ocidental. (SILVA et al., 2018; LIRA

et al., 2017)) Além desta cultura da magreza se disseminar cada dia mais, o ganho ponderal também é crescente neste cenário atual; Deram (2018) afirma um paradoxo: “nunca se falou tanto de nutrição e dietas, e nunca a população ganhou tanto peso”.

Em todos os lugares ou meios de comunicação é possível observar conversas relacionadas a dietas, restrições, contagem de calorias e nutrientes; segundo Deram (2018), este é um tema denominado por Gyorgy Scrinis como “nutricionismo”. O qual é definido como um reducionismo do alimento, da comida, a nutrientes isolados. A utilização dessas dietas restritivas, baseada no nutricionismo e delineadas pela perda de peso, difundiu-se pela sociedade, sustentada pela estética corporal padrão e pela internalização do ideal magro. Com isso, a utilização não só de dietas da moda e restritivas, como também uso de medicamentos e procedimentos estéticos invasivos, têm sido recorrentes na busca do corpo e peso “ideal”.

Essas práticas tradicionais que visam apenas o emagrecimento talvez não estejam surtindo tantos efeitos e a obesidade no mundo não para de ascender nos gráficos juntamente à insatisfação corporal, estresse metabólico e psicológico, principalmente de indivíduos com sobrepeso. Portanto, no mínimo pode-se pensar: que as conseqüências de tais práticas incentivadas por profissionais de saúde e tidas como ações promotoras de auto cuidado pela população, podem auxiliar na etiologia e/ou manutenção de uma desordem no comportamento alimentar. (DERAM, 2018) Será, portanto, que a cultura contemporânea pode ser um fator condicionante para um comer transtornado? E este por sua vez, como se relaciona com a regulação do peso corporal e com os transtornos alimentares?

1.1 O cenário atual: Corpo e comportamento

Segundo Mauss (1974, apud Goldenberg, 2004) “o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracteriza uma cultura também se refere ao corpo”. E por isso, “há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade”. A mesma afirma que houve uma maior exposição pública e nítida gerência, juntamente a uma exaltação voltada para a estrutura física no final do século XX. A mídia incitou esta maior exibição com o objetivo de que a população passasse por uma domesticação do corpo; trazendo para o cotidiano atual um policiamento não só dos fatores biológicos, mas como também da aparência física.

Essa “corpolaria”, o aumento da exaltação do corpo, como uma conotação social, transformou-se em um bem de consumo, um “bem de mercado”. Associado a venda da imagem magra, inspirada em atrizes, cantoras, modelos, e outras, o que caracteriza o corpo de

êxito. Assim cita-se a conduta de imitação prestigiosa, a qual leva principalmente as mulheres cogitarem e desejarem um corpo magro e jovial para sucesso pessoal, (movimento cíclico permeado pela cultura, muda-se padrões de beleza dependendo do movimento histórico-cultural “provocando uma permanente insatisfação com o próprio corpo”. (GOLDENBERG, 2004)

Com o conseqüente aumento da preocupação com a saúde e com a boa forma, a utilização de dietas restritivas e da moda, baseada no nutricionismo, propagou-se pela população em geral, talvez sustentada pela necessidade de inclusão aos padrões estéticos e de “auto cuidado”. Com objetivo de prevenção de doenças, fortalecer a saúde e principalmente redução de peso, a qual está geralmente relacionada aos dois itens anteriores, as informações relacionadas à nutrição e alimentação são disseminadas nas mídias sociais, de forma geral. Causando alterações indevidas no hábito e cultura alimentar dos indivíduos, podendo trazer secundariamente prejuízos ao organismo e ao comportamento frente à ingestão de alimentos; pois estas informações veiculadas possuem baixo nível de evidência científica, além de estarem relacionadas ao senso comum, e fundo interesse comercial. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016)

Uma característica das sociedades é definir categorias acerca dos atributos considerados normais ou comuns do ser humano, criando uma identidade social; o indivíduo que possui características desviantes desses atributos é considerado portador de um estigma. Diante disso, o indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade social inclui qualquer atributo que frustre as expectativas de normalidade observadas pela sociedade em questão. (SILVA et al., 2018)

O estudo de Silva et al. (2018) discorre sobre como as mídias sociais, em especial o *Instagram*, auxiliam na construção de um padrão de beleza através de representações imagéticas e discursivas. Esta construção de identidade caracteriza-se como uma imposição social, uma vez que a mídia exerce séria função na disseminação de modelos corporais, desqualifica os indivíduos que não apresentarem os moldes previstos em determinado período uma sociedade. O cenário atual indica uma prevalência de sobrepeso e obesidade, o qual reforça a normatização de um tipo específico de estrutura corporal: o corpo passa a ser concebido como um mecanismo de identidade; dando ênfase a planejamentos e ações clínicas, normas e condutas voltadas ao mesmo dominando-o. Além disso, um estudo realizado com adolescentes brasileiras demonstrou que 85,8% das participantes tinham insatisfação corporal, sendo que destas 65,1% encontravam-se eutróficas; e que o “acesso diário maior de 10 vezes ao dia ao Facebook e

Instagram aumentou a chance de insatisfação em 6,57 e 4,47 vezes, respectivamente”. (LIRA et al., 2017)

Em geral, as dietas de “moda”, inclusas nas ações clínicas, possuem características restritivas, com exclusão ou evidente diminuição do consumo de certos grupos alimentares. Com isso, um grupo alimentar que sempre esteve presente no cotidiano de um indivíduo possivelmente saudável, passa a ser “proibido” na sua alimentação. O que pode levar o sujeito a uma visão dicotômica da alimentação: alimentos permitidos e alimentos proibidos. Essa visão aumenta os níveis de ansiedade e estresse frente à comida e pode alterar o comportamento alimentar dos indivíduos: ocasionando momentos de ingestão excessiva. (DERAM, 2004)

Empiricamente observa-se que estas condutas alimentares, as quais vêm em forma de artigos, mensagens e postagens nas redes sociais, são veiculadas como dados de pesquisas importantes, o que aumenta a adesão da população a tais práticas. As condutas são relacionadas a jejuns, exclusão de certos alimentos, inclusão de “super alimentos”, prática de exercícios físicos específicos, dietas prontas, contagem de calorias e compensação em situações de “exageros” relacionados à alimentação social, como finais de semana, festas, confraternização, entre outras; como também fazem alusão ao “peso ideal” e a “boa forma”, relacionadas a práticas de auto cuidado e indispensável à saúde.

Regado a uma dose superlativa de sensacionalismo e apelo comercial, os posts citados vendem a idéia de uma perda de peso rápida por meio de comportamentos alimentares não usuais, porém a adesão destas é temporária por não condizerem com a alimentação habitual do indivíduo. O qual agrega o fracasso na manutenção de sua dieta a si mesmo, culpando-se pelo consumo de algum “alimento proibido” ou exageros; partindo para um ciclo de compensação-culpa-punição. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016; GUYTON; HALL, 2017)

Pode-se citar aqui, a partir da questão discutida acima, o conceito de “terrorismo nutricional”, o qual está ligado à dicotomia dos alimentos: super alimentos e péssimos, alimentos que emagrecem e alimentos que engordam. Todavia esta idéia é viabilizada não só por leigos e blogueiras, mas também por profissionais da saúde. (DERAM, 2018). Com isso, objetivo deste estudo é identificar a relação entre a cultura da magreza, como possível fator condicionante, e as desordens alimentares; e suas ramificações com um olhar psico-antropológico.

1.2 Metodologia

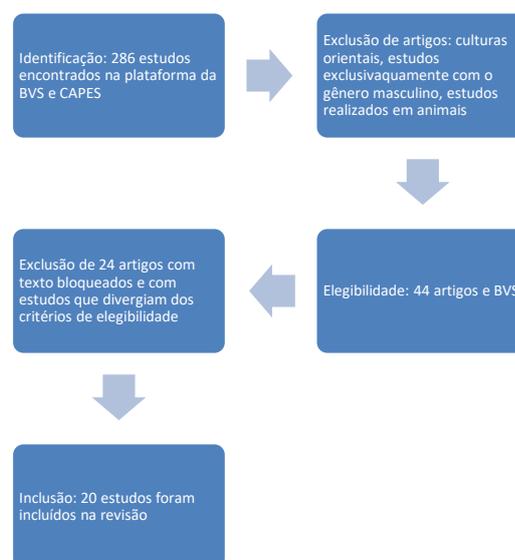
O estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura. Foram utilizadas as bases de dados do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Portal CAPES; nos quais foram pesquisados os descritores, pelo DeSC/MeSH: “cultura” (culture) e “transtornos alimentares” (feeding and eating disorders), fazendo-se uso do operador booleano “AND”. As palavras-chave foram utilizadas na língua portuguesa e inglesa e o período de abrangência foi do ano de 2014 a 2019. Restringindo-se aos artigos escritos em português, inglês e espanhol.

Os critérios de inclusão foram: artigos que discutissem ou citassem os fatores socioculturais ocidentais envolvidos no culto ao corpo com possível relação à insatisfação corporal, estigmatização de pessoas gordas e/ou com a etiologia/desenvolvimento de transtornos alimentares em indivíduos do gênero feminino; os quais deveriam conter o texto disponível na íntegra. A inclusão do estudo à pesquisa deu-se pelo conteúdo descrito no resumo dos artigos. No entanto, quando este não se apresentou muito claro, procurou-se fazer a leitura do texto na íntegra para que não houvesse a exclusão de artigos possivelmente importantes para a pesquisa. Os artigos selecionados foram lidos na íntegra e os resultados obtidos foram agrupados em quatro (4) tópicos de discussão por tema.

1.3 Resultados e discussão

Ao final da busca e avaliação dos estudos, foram incluídos nesta revisão um total de 19 (dezenove) estudos; os quais permeiam seus resultados, discussões e asserções sobre os fatores socioculturais que estruturam a cultura da magreza e a etiologia da obesidade e de desordens alimentares.

Quadro 1. Fluxograma da revisão de literatura



Quadro 2. Estudos inclusos na revisão

Autores	Título do Estudo
Pinto; Quadrado, 2018	Imagens em construção: satisfação corporal e transtornos alimentares em acadêmicos da área da saúde.
Gomes; Caminha, 2016	Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes.
Peres et al., 2015	Insatisfação com a imagem corporal entre pessoas com deficiência visual.
Ferreira Fernandes et al., 2017	Avaliação da auto-imagem corporal e o comportamento alimentar de mulheres.
Cori et al., 2015	Atitudes de nutricionistas em relação a indivíduos obesos: um estudo exploratório.
Oliveira et al., 2018	The food practice concepts of Rio de Janeiro's lower class women: transformation and reinterpretation.
Ordaz et al., 2014	Thinness pressures in ethnically diverse college women in the United States.
de Carvalho et al., 2017	An etiological model of disordered eating behaviors among Brazilian women.
Ferguson et al., 2014	Concurrent and Prospective Analyses of Peer, Television and Social Media Influences on Body Dissatisfaction, Eating Disorder Symptoms and Life Satisfaction in Adolescent Girls.
Diest et al., 2014	The relationship between acculturative stress and eating disorder symptoms: is it unique from general life stress.
Fitzsimmons-Craf et al., 2014	Examining an elaborated sociocultural model of disordered eating among college women: The roles of social comparison and body surveillance.
Pike et al., 2014	Cultural trends and eating disorders..
Argyrides; Kkeli, 2014	Predictive factors of disordered eating and body image satisfaction in cyprus.
Francisco et al., 2015	Body dissatisfaction and disordered eating among Portuguese and Spanish adolescents: The role of individual characteristics and internalisation of sociocultural ideals.
Greenhalgh, 2016	Disordered Eating/Eating Disorder: Hidden Perils of the Nation's Fight against Fat.

Gordon et al., 2016	“I have to constantly prove to myself, to people, that I fit the bill”: Perspectives on weight and shape control behaviors among low-income, ethnically diverse young transgender women.
Silva et al., 2018	Construção imagético-discursiva da beleza corporal em mídias sociais: repercussões percepção sobre o corpo e o comer dos seguidores.
Orsini, 2017	Hunger Hurts, but Starving Works”. The Moral Conversion to Eating Disorders.
Uzunian; Vitale, 2015	Social skills: a factor of protection against eating disorders in adolescentes.

3.1 Ocidentalização e distribuição dos transtornos alimentares em culturas diversas

Em contrariedade à tese de que os transtornos alimentares são um problema de saúde relacionada à cultura da sociedade ocidental, o estudo de Pike et al. (2014) demonstrou que os transtornos alimentares estão sendo crescentes em diferentes etnias/raciais, como por exemplo em indivíduos asiáticos e árabes. Este também indicou um aumento de casos de bulimia entre os latinos e afros descendentes na América do Norte. O que aponta uma concordância com Diest et al. (2014), o qual evidenciou que o estresse aculturativo, ou seja, a adaptação de imigrantes a uma nova sociedade e cultura, como fator prévio a insatisfação corporal em mulheres afro-americanas, latinas e asiáticas concomitante a sintomas de bulimia.

Neste contexto, faz-se necessário um entendimento que o mundo vem decorrendo de um processo de ocidentalização, gerado pelo capitalismo como um moderador de práticas civilizatórias. O qual interage não só com os aspectos econômicos de “países não capitalistas e não ocidentais, mas também modificando de forma contínua os aspectos políticos, sociais e culturais. Culminando em uma conseqüente globalização, a qual “expandiu-se das áreas de comércio e finanças para áreas de interação social, determinando-as e modificando-as”. (de CASTRO, 2004)

Além disso, como citado por Goldenberg (2004) as práticas civilizatórias também se aplicam ao corpo. Portanto, pode-se observar uma possível relação entre esta ocidentalização e o início destes distúrbios em sociedades e culturas distintas.

3.2 As mídias sociais e sua relação com as desordens alimentares

Segundo de Castro Costa (2004), no final do século XX houve a prevalência do corpo magro sobre o corpo gordo, resultado do impacto causado pelas indústrias de cosméticos, de

publicidade, de moda e de Hollywood. Após a uma nova formulação da idealização corporal baseado nos filmes da época, os quais influenciaram fortemente a construção deste novo corpo. As difusões publicitárias que ascenderam após o final da Segunda Guerra Mundial, incitaram uma nova forma de cuidados corporais e de beleza, além de higiene; todas baseadas nas recomendações de médicos e moralistas burgueses. Além disso, Giddens (1997 apud de Castro, 2004) identifica que foi no final do século XX que se instalou o idealismo da magreza e a prática de dietas começou a ser utilizada como fator crucial na perda de peso e na prosperidade da saúde.

Na continuidade deste contexto das mídias sociais e publicitárias, estas mantiveram a ditadura de comportamentos, hábitos e padrões relacionados à corporeidade. Como se pode observar nos estudos que identificaram relações diretas e indiretas entre a influência das mídias, comparação social facilitada pelas redes sociais, insatisfação corporal e comer transtornado. (FERGUSON et al., 2014; GOMES; CAMINHA, 2016; DE CARVALHO et al., 2017; ORDAZ et al., 2018; SILVA et al., 2018)

De maneira indireta, divergente dos demais, Ferguson et al. (2014) mediu a relação entre Índice de Massa Corporal (IMC) e insatisfação corporal, indicando que as mulheres que apresentavam baixo peso e “peso ideal” possuíam menores níveis de insatisfação corporal, enquanto as que apresentavam IMC em sobrepeso e obesidade possuíam maior insatisfação corporal. Como também indica que a competição entre colegas, comparação social, era um preditor mais forte do que a mídia, no que diz respeito a insatisfação corporal. No entanto, a mídia, as redes sociais, “abrem inúmeras possibilidades de comparação social em redes como o *Instagram*. O que pode indiretamente aumentar os níveis de insatisfação corporal, uma vez que o acesso a essas redes é prejudicial tanto a saúde mental quanto a corporeidade, além disso, a rede social formada basicamente por imagens, nas quais a exposição corporal é uma prática frequente. (LIRA et al., 2017; SILVA et al., 2018) “A mídia transmite uma infinidade de critérios, proibições, padrões e propostas de alimentação, que levam às escolhas e práticas alimentares da população”. (UZUNIAN;VITALLE; 2015)

Além disso, as mesmas incitam a necessidade de reconstrução do corpo associada a uma reconstrução da própria identidade. A tentativa de remodelamento corporal prediz uma relação distorcida com a alimentação, a qual torna-se uma fonte de culpa, podendo culminar em comportamentos alimentares desordenados. (SILVA et al., 2018) O estudo de Gomes & Caminha (2016), demonstrou resultados semelhantes com reproduções imagéticas, porém neste caso com relação às produções fílmicas que oferecem uma visão de dicotomia frente aos tipos de corpos, magro ou gordo, bonito ou feio, e fomentam insatisfações corporais que podem

evoluir para desordens alimentares, quando estas produções utilizam-se destes discursos acentuadamente. Vale ressaltar que alguns destes filmes associam a beleza e a magreza ao sucesso profissional e pessoal, tornando-se imprescindível para a felicidade.

O estudo de Carvalho et al. (2017) apresenta que as influências dos pais e da mídia foram relacionadas tanto com internalização e comparação social, enquanto a influência dos pares com a comparação social. Encontrou uma mediação completa entre internalização/comparação social, insatisfação corporal e o desenvolvimento de desordens alimentares. Como também valida a importância destes aspectos culturais que influenciam a insatisfação corporal e o comportamento alimentar. Entretanto, Fitzsimmons-Craft et al. (2014), aponta que a internalização do ideal pode não estar automaticamente ligada a insatisfação corporal. Indicando assim que há formas diretas e indiretas desta relação se estabelecer.

3.3 Feminilidade e questões axiológicas

A pesquisa de Francisco et al (2015) traz um enfoque sobre uma característica de personalidade, o perfeccionismo, que torna adolescentes, principalmente do gênero feminino, suscetíveis a internalização do ideal sociocultural; contribuindo positivamente para a insatisfação corporal e comer transtornado. Além disso, os autores indicam que as ações preventivas aos TAs devem se atentar às culturas específicas, nas quais os indivíduos estejam inseridos.

As mulheres transgêneros (trans) também encontram-se expostas as desordens alimentares, uma vez que compartilham do universo feminino e a busca pela confirmação de gênero as deixam muito suscetíveis aos fatores socioculturais que moldam a moral de feminilidade, o que inclui a magreza como critério. As participantes, do estudo de Gordon et AL. (2016) apresentaram comer transtornado e compulsão alimentar periódica associada a comportamentos de controle de peso e da forma corporal. Além disso, estes comportamentos estão associados às práticas de mulheres cisgêneros (cis). Uma vez que as mulheres, trans ou cis, experimentam uma forte pressão social estruturada sobre uma feminilidade consumida pelos homens; o que as mulheres trans associam a uma maior confirmação do gênero: o desejo do gênero oposto. Como também, demonstra uma escassez de estudos voltados à população transgênero. (GORDON et al., 2016)

Sobre esse cenário de feminilidade, Orsini (2017) discute sobre uma conversão moral, associada à magreza e aos transtornos alimentares, como um caminho à benevolência, a se

tornarem pessoas boas e/ou melhores, e ao enquadramento da feminilidade. Revelando-se assim uma problemática com base axiológica. Além disso, a autora identifica uma consequência do ideal magro ocidental: a supremacia mental em relação ao corpo, instigando uma anulação dos prazeres do corpo feminino.

Em concordância com Rodrigues (2004) há uma transformação do sujeito e de sua relação com o que é externo, as quais têm fundamento na consciência moral e na revisão de presumíveis relações que permeiam a aniquilação dos instintos intrínsecos ao ser humano e ao nascimento de uma tese baseada em culpa e punição.

Com isso, percebe-se a possibilidade da origem da estigmatização da pessoa gorda, que são considerados indivíduos imorais, pois não renunciam aos instintos humanos relacionados ao comer. No estudo de Orsini (2017), as informantes expuseram que superando a fome demonstravam sua capacidade de abnegação as necessidades corporais, e com isso se sentiam conformadas a uma noção de bem.

Neste conflito entre a renúncia aos instintos humanos e a formação da civilização, o pessimismo de Freud se assemelha ao de Nietzsche, na medida em que ambos os autores discorrem sobre a submissão do homem à sua cultura -- o homem, aprisionado pelas leis que ele mesmo se estabeleceu. Se não o homem, quem foi que inventou os instrumentos da cultura? (2004)

3.4 A guerra contra a gordura e a necessidade de uma abordagem integrativa

Na sociedade contemporânea, as invenções comerciais começaram a emergir em torno da gordura corporal, a qual é relacionada aos riscos à saúde, critério estético e “ataque” direto à autoestima. Profissionais de divergentes frentes se apoiam, se contradizem e se disputam nos métodos referentes à eliminação da gordura corporal. Além disso, boa parte dos métodos clínicos de estimativa de gordura, utilizada por estes profissionais, é baseada em estimativas que possuem variações críticas em sua aplicação nos diferentes indivíduos. (SAUTCHUK, 2007)

No entanto, os profissionais não se retraem no momento de demonstrarem os diagnósticos, que em suma, estão relacionados à quantidade de gorduras. Greenhalgh (2016) em concordância com o presente estudo identificou que os esforços de campanhas contra a obesidade, o fomento às dietas restritas e comportamentos alimentares que objetivam perda de peso, não têm resolvido essa questão de saúde pública. Na verdade, pode estar criando pressões psicológicas, aliadas à insatisfação corporal e a internalização de ideais estéticos, que podem estar consequentemente relacionadas com o comer transtornado e transtornos

alimentares, os quais por sua vez podem levar além de prejuízos à saúde, como a oscilação de peso corporal, o “efeito sanfona”.

No entanto, como citado por Cori et al. (2015) o estigma de profissionais da saúde, nutricionistas, sobre indivíduos com obesidade é presente e leva-os a crer que estes são preguiçosos, gulosos e sem determinação. Esta estigmatização afasta pessoas gordas e/ou com obesidade dos serviços em saúde, uma vez que estes profissionais focam seus resultados em perda de peso, conseqüente de alterações críticas na alimentação. Esse pensamento unicamente biológico limita o alcance do atendimento, pode causar insatisfação corporal nos pacientes e assim alterar ainda mais os comportamentos alimentares. Por isso, faz-se necessário um estudo mais multidisciplinar e o entendimento íntegro do conceito de saúde defendido pela OMS. As práticas de profissionais focadas na perda de peso com a utilização de dietas restritivas opõem-se as recomendações do Guia Alimentar Para a População Brasileira, além de causar impactos negativos à saúde psicossocial dos indivíduos. (GREENHALGH, 2016)

O estudo de Oliveira et al. (2018) expõe um cenário que retrata fidedignamente o cenário atual: mulheres de camadas populares que encontram-se em sobrepeso, as quais possuem um passado com experiências ligadas aos alimentos de sua regionalidade (como por exemplo, o arroz e o feijão), utilização de ultraprocessados por motivos de praticidade intimamente ligada a duplas, triplas, jornadas de trabalho e “informações” excessivas de “alimentação saudável”, modismos e estética. São essas as pessoas que são seriamente afetadas por este sistema disfuncional, que lentamente desenvolve um olhar dicotômico frente à alimentação, aumentando-se o risco de desequilíbrios alimentares e instala-se insegurança quanto aos alimentos de sua herança cultural.

A necessidade de uma abordagem mais integrativa, a compreensão do processo saúde-doença das desordens alimentares e da obesidade são temas que devem ser pensados, mais aprofundadamente, no campo social. O relatório da comissão The Lancet sobre a “Síndrome Global da Obesidade, Desnutrição e Mudanças Climáticas” indica a necessidade de criação de políticas públicas que abordem de maneira mais integral os fatores etiológicos da obesidade, que perpassam o avanço da indústria alimentícia, o desmatamento e a poluição, como também as desigualdades sociais. Assim como, estudos e publicações recentes têm identificado que o diagnóstico da obesidade pensada apenas a partir do IMC não é fidedigna e aumenta o estigma social, discriminação e preconceito contra pessoas gordas na sociedade; sendo necessário o entendimento da obesidade como uma doença multifatorial. Além disso, acusam as práticas discriminatórias de profissionais da saúde pautadas no viés e estigma do peso com pessoas gordas ou diagnosticadas com obesidade, como também as pautas de acompanhamento apenas

em torno do peso do indivíduo, estigmatizando-o e incitando a perda de peso a partir de dietas restritivas e medicamentos; já compreendidos como insucessos no acompanhamento destes indivíduos e como fatores etiológicos e mantenedores de desordens alimentares. (DERAM, 2018; SWINBURN et al., 2019; RUBINO et al., 2020; WHARTON et al., 2020)

2 Conclusão

As questões relacionadas a epidemiologia dos transtornos alimentares em diversas culturas, compreendeu-se que a ocidentalização; a qual flutua em questões do âmbito social-cultural e não só político e econômico; afetam os comportamentos de indivíduos dispostos em culturas não-capitalistas e não ocidentais.

Identificou-se que a cultura da magreza, as pressões sociais quanto o ideal magro, de fato, são maiores no gênero feminino. E que a objetificação do corpo feminino aumenta as chances de comportamentos de risco quanto à alimentação e ao controle da forma corporal, podendo resultar em uma relação disfuncional com a comida e a estrutura física.

Além disso, verificou-se que a pressão social incitada ao corpo e a comportamentos alimentares, difundidos mesmo por profissionais de saúde, possui etiologia axiológica e que a necessidade de inclusão destas práticas, mesmo que disfuncionais, trazem uma revolução da própria identidade individual e sensação de pertencimento. No entanto, os profissionais que trabalham com a saúde de indivíduos com obesidade e/ou desordens alimentares, necessitam de uma formação mais integrativa, entedimento de fatores não-biológicos, para que o atendimento e as condutas aplicadas estejam de acordo com o quadro. No entanto, vale ressaltar que o entendimento destas relações multidisciplinares é necessário no atendimento no sentido de auxiliar de forma mais integra o paciente, mas também incluir diferentes profissionais nos acompanhamentos em saúde de quadro específicos. Associada a formação de políticas publicas de saúde que atuem mais fidedignamente na redução das desigualdades sociais e na disseminação de conhecimentos para a população leiga que vá além da preconização da “alimentação saudável” e da “boa forma” como indícios de saúde; a qual é incitada por médicos-sanitaristas desde o final do século XX.

Conclui-se assim que há uma relação e mediação entre, uma sequência que perpassa por, fatores socioculturais ligados a moral, internalização do ideal preconizado, comparação social e o papel das mídias sociais, insatisfação corporal e distúrbios com a imagem corporal, necessidade de reconstrução identidária, comportamentos de risco frente a alimentação (comer

transtornado) e até o desenvolvimento de transtornos alimentares. No entanto, esta relação possui formas diretas e indiretas de ocorrerem, não necessariamente segundo esta ordem.

3 Referências

ALVARENGA, Marle et al. **Nutrição Comportamental** – 2. ed. – Barueri [SP]: Manole, 2019.

ARGYRIDES, Marios; KKELI, Nathalie. Predictive factors of disordered eating and body image satisfaction in cyprus. **Internacional Journal of Eating Disorders**, Volume 48, Issue 4, May 2015. URL: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/eat.22310>

CASTRO, Ana Lúcia. Culto ao corpo: identidades e estilos de vida. **VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais Coimbra**, setembro de 2004. URL: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel24/analuciacaastro.pdf>

CORI, Giuliana da Costa; PETTY, Maria Luiza Blanques and ALVARENGA, Marle dos Santos. Atitudes de nutricionistas em relação a indivíduos obesos – um estudo exploratório. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 20, no. 2, 2015, p. 565+. Gale Academic Onefile.

DE CARVALHO, Pedro Henrique; ALVARENGA, Marle Santos; FERREIRA, Maria Elisa. An etiological model of disordered eating behaviors among Brazilian women. **Appetite**, Volume 116, 2017, Pages 164-172. ISSN 0195-6663. URL: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28478061/>

DE CASTRO COSTA, Thatyane Roberta. **A Mundialização da Cultura e os Processos de Homogeneização e Formação da Cultura Global**. Universitas. Relacoes Internacionais; Brasilia Vol. 2, Ed. 1, (2004).

DERAM, Sophie. **O Peso das Dietas**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

DIEST, Ashley; TARTAKOVSKY, Margarita; STACHON, Caitlin; et al. The relationship between acculturative stress and eating disorder symptoms: is it unique from general life stress? **Journal of Behavioral Medicine** (2014) 37: 445. URL: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10865-013-9498-5>

ESPINOSA, Lara. O conceito de cultura em Bauman. **Rev.Fronteiras**; Unisinos, 2005. VII(3): 240-242. URL: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6397>

FERGUSON, Christopher J., MUNÓZ, Mónica.E., GARZA, Adolfo; GALINDO, Mariza. Concurrent and Prospective Analyses of Peer, Television and Social Media Influences on Body Dissatisfaction, Eating Disorder Symptoms and Life Satisfaction in Adolescent Girls. **Journal of Youth and Adolescence**, (2014) 43: 1. URL: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10964-012-9898-9>

FERREIRA FERNADES, Ana Carolina; SILVA, Aline Lustosa Sales; MEDEIROS, Karine Feitosa; QUEIROZ, Natielle; MELO, Liliâne Machado. Avaliação da auto-imagem corporal e o comportamento alimentar de mulheres. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo. v. 11. n. 63. p.252-258. Maio/Jun. 2017. ISSN 1981-9927. URL: <http://www.rbne.com.br/index.php/rbne/article/view/774>

FITZSIMMONS-CRAFT, Ellen; BARDONE-CONE, Ana M; BULIK, Cynthia M; WONDERLICH, Stephen; CROSBY, Ross D; ENGEL, Scott G. Examining an elaborated sociocultural model of disordered eating among college women: The roles of social

comparison and body surveillance. **Body Image**, Volume 11, Issue 4, 2014. Pages 488-500. ISSN 1740-1445. URL:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1740144514000886?via%3Dihub>

FRANCISCO, Rita; ESPINOZA, Paola; GONZÁLEZ, Marcela L; PENELO, Eva; MORA, Marisol; ROSÉS, Rócio; RAICH, Rosa M. Body dissatisfaction and disordered eating among Portuguese and Spanish adolescents: The role of individual characteristics and internalisation of sociocultural ideals. **Journal of Adolescence**. Volume 41, 2015, Pages 7-16, ISSN 0140-1971. URL: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25754193/>

GOLDENBERG, Miriam. **De perto ninguém é normal**: estudo sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. v. 1. 189.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Volume 38, Issue 4, 2016, Pages 414-421, ISSN 0101-3289.

GORDON, Allegra R; AUSTIN, S. Bryn; KRIEGER, Nancy; HUGHTO, Jaclyn MW; REISNER, Sari L. "I have to constantly prove to myself, to people, that I fit the bill": Perspectives on weight and shape control behaviors among low-income, ethnically diverse young transgender women. **Social Science & Medicine**, Volume 165, 2016, Pages 141-149, ISSN 0277-9536.

GREENHALGH, Susan. Disordered Eating/Eating Disorder: Hidden Perils of the Nation's Fight against Fat. **Medical Anthropology Quarterly**, 2016, 30: 545-562. URL: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/action/showCitFormats?doi=10.1111%2Fmaq.12257>

HALL, John; GUYTON, Arthur. **Guyton & Hall tratado de fisiologia médica**. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

LIRA, Ariana Galhardi; GANEN, Aline de Piano; LODI, Aline Sinhorini, & ALVARENGA, Marle dos Santos. (2017). Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 66(3), 164-171. URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S004720852017000300164&lng=en.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Desmistificando dúvidas sobre alimentação e nutrição: material de apoio para profissionais de saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016^a, p. 9, 12.

OLIVEIRA, Tatiana Coura; CZERESNIA, Dina; VARGAS, Eliane Portes and BARROS, Denise Cavalcante de. "The food practice concepts of Rio de Janeiro's lower class women: transformation and reinterpretation. Interface: **Comunicação Saúde Educação**, vol. 22, no. 65, 2018, p. 435+.

ORDAZ, Daniel; SCHAEFER, Lauren; CHOQUETTE, Emily; SCHUELER, Jordan; WALLACE, Lisa; THOMPSON, Joel. Thinness pressures in ethnically diverse college women in the United States. **Body Image**, Volume 24, 2018, Pages 1-4. ISSN 1740-1445. URL: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5869119/>

ORSINI, Gisella. "Hunger Hurts, but Starving Works". The Moral Conversion to Eating Disorders. **Culture, Medicine and Psychiatry** (2017) 41: III. URL: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27761691/>

PERES, Raquel Jachinto; ESPÍRITO-SANTO, Giannina; ESPIRITO, Fabiana Resende; FERREIRA, Nilda Teves; ASSIS, Monique Ribeiro. Insatisfação com a imagem corporal entre pessoas com deficiência visual. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Volume 37, Issue 4, 2015, Pages 362-366, ISSN 0101-3289. URL: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n4/0101-3289-rbce-37-04-0362.pdf>

PIKE, Kathleen M; HOEK, Hans W; DUNNE, Patricia E. Cultural trends and eating disorders. **Current Opinion in Psychiatry**: November 2014 - Volume 27 - Issue 6 - p 436-442. URL: Pike, KM; Hoek, HW; Dunne, PE. Cultural trends and eating disorders.

PINTO, Débora Cristina Dias; QUADRADO, Raquel Pereira. Imagens em construção: satisfação corporal e transtornos alimentares em acadêmicos da área da saúde. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S.l.], v. 4, fev. 2018. ISSN 2525-7870. URL: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/759/417>

RODRIGUES, Marina Bellissimo. **A abnegação de instintos humanos, a origem da consciência da culpa e suas implicações nas teorias de Nietzsche e Freud**. Universidade Federal de São Carlos. 2004. Conclusão de Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2004. URL: <http://www.ufscar.br/~bdsepsi/169a.pdf>

RUBINO, Francesco; PUHL, Rebeca M; CUMMINGS, David E, et al. Joint international consensus statement for ending stigma of obesity. **Nature Medicine**. 2020 Apr;26(4):485-497.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. (2007). A medida da gordura: O interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana**, 13(1), 153-179.

SILVA, Ana Flávia; NEVES, Letícia; JAPUR, Camila; PENAFORTE, Thais; PENAFORTE, Fernanda. (2018). Construção imagético-discussiva da beleza corporal em mídias sociais: repercussões percepção sobre o corpo e o comer dos seguidores. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, 13(2), 395-411. URL: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/33305/25611>

SWINBURN, Boyd A; KRAAK, Vivica; ALLENDER, Steven et al. A Sindemia Global da Obesidade, da Desnutrição e das Mudanças Climáticas: o relatório da Comissão **The Lancet**, 2019.

UZUNIAN, Laura Giron; VITALE, Maria Sylvia de Souza. Social skills: a factor of protection against eating disorders in adolescents. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 20, no. 11, 2015, p. 3495+. Gale Academic Onefile. URL: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232015001103495&script=sci_arttext&lng=en

WHARTON, Sean; LAU, David; VALLIS, Michael et al. (2020). Obesity in adults: A clinical practice guideline. **Canadian Medical Association Journal**. 192. E875-E891. 10.1503/cmaj.191707.